

MAURICIO GOE LOZANA

INESGOTÁVEL FONTE DE MAGIA:
o poder encantatório da palavra em um conjuro anglo-
saxônico



MAURICIO GOE LOZANA

INESGOTÁVEL FONTE DE MAGIA:
o poder encantatório da palavra em um conjuro anglo-
saxônico

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Conselho de Curso de Letras, da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Aparecido Donizete Rossi

ARARAQUARA – S.P.
2015

Lozana, Mauricio
Inesgotável Fonte de Magia:O poder Encantatório da
Palavra num Conjuero Anglo-saxônico / Mauricio Lozana
- 2015
46 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras)
- Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita
Filho", Faculdade de Ciências e Letras (Campus
Araraquara)

Orientador: Aparecido Donizete Rossi

1. Magia. 2. Poder da Palavra. 3. Conjuero Anglo-
Saxônico. I. Título.

Aos meus pais, que primeiro me ensinaram as palavras e o porquê valorizá-las. Que me criaram como um ser humano honesto, e me proporcionaram uma vida repleta de portas, com um horizonte magnífico.

Ao meu orientador, Cido, o grande Mestre de minha vida. Antes de tudo, um verdadeiro amigo, que me ensinou o indizível. Meus mais sinceros sentimentos de gratidão por termos nos trombado uma vez mais na existência.

Espero um dia fazer jus às fichas que apostaram em mim.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a colaboração e sobretudo a compreensão de meus amigos, que suportaram meus piores momentos, me lembrando de levar a vida de forma mais leve. Perdoem-me pelos tropeços . Vocês são os melhores amigos que eu poderia desejar.

Agradeço aos brujos e brujas maravilhos@s que encontrei em minha caminhada, que contribuíram com seus ensinamentos e encantamentos, sobretudo á um certo Everson Romero, que me suporta faz tempo lá longe em su coeva.

E por último, mas não menos importante, agradeço aos amigos e familiares que me ajudam na vida desde sempre, e que, embora caminhem comigo sempre, não são facilmente visíveis.

Eu nada teria conseguido sozinho.

A vida é feita de encontros e reencontros , as pessoas que conhecemos nos fornecem as tintas com as quais pintaremos o quadro de nossas experiências. Minha vida tem sido um Monet.

Todo o meu amor aos que me cercam!

For a charm of powerful trouble,
Like a hell-broth boil and bubble.
Double, double toil and trouble;
Fire burn, and caldron bubble.

(As Bruxas em **Macbeth**, de Shakespeare)

Palavras são, na minha nada humilde opinião, nossa mais inesgotável fonte de magia, capazes
de formar grandes sofrimentos, e também de remediá-los
(Alvo Dumbledore em **Harry Potter e as Relíquias da Morte**, de J. K. Rowling)

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo analisar o *Wið Færstice*, um conjuro pertencente à literatura anglo-saxônica, traduzido como “Conjuro contra uma dor repentina”. Dentro do imaginário nesse contexto, a referida dor é atribuída a um dardo atirado por um elfo, bruxa ou deus pagão. Esse encantamento está inserido nos manuscritos de medicina anglo-saxônica e foi escrito em forma de poesia, apresentando aspectos do fazer poético que, uma vez consideradas questões históricas, culturais e artísticas concernentes ao povo e à cultura anglo-saxônicos, indiciam uma relação intrínseca entre poesia enquanto forma de pensamento e conhecimento e magia enquanto modo de interpretar o mundo. A essa relação chamamos aqui, para fins metodológicos, poder encantatório da palavra. A partir da análise desse encantamento referido, bem como dos elementos presentes no texto, pretende-se demonstrar como se articula esse poder encantatório da palavra e como se dá, dentro da concepção anglo-saxônica do Sagrado, a transformação da realidade através do pronunciamento de palavras.

Palavras-chave: Conjuro, anglo-saxão, palavra mágica, *Wið Færstice*, magia

ABSTRACT

This work aims to analyze the *Wið Færstice*, a charm from the Anglo-Saxon literature, translated as “Charm for a sudden Stich”. Inside of the imaginarium in this context, the referred pain is assigned to a dart shot by an elf, witch or pagan god. This charm is included in the Anglo-Saxon medicine manuscripts and was written in form of poetry, presenting characteristics of the poetic work, presenting aspects of the poetic do that once considered historical, cultural and artistic issues concerning the people and the Anglo-Saxon culture, indicate a close relationship between poetry as a form of thought and knowledge and magic as a way of interpreting the world. At this respect we call here, for methodological purposes, incantatory power of the word. From the analysis of this referred enchantment, as well as of the elements in the text, is intended to demonstrate how articulates this incantatory power of words and how to give, within the Anglo-Saxon conception of the Sacred, the transformation of reality through the pronouncement of words.

KeyWords: Charm, Anglo-saxon, Magic Word, *Wið Færstice*, Magic.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. VERBA CONCEPTA	14
1.1 O SAGRADO E O PROFANO	14
1.2 - MITO, ENCANTAMENTO, PALAVRA	16
2. VERBA CORPOREA	22
2.1 - O JARDIM DAS BRUXAS	22
2.1.1 – <i>FEFERFUIGE</i>	23
2.1.2 - <i>READE NETELE</i>	24
2.1.3 – <i>WEGBRADE</i>	24
2.1.4 - MANTEIGA (<i>BUTERAN</i>)	25
2.1.5 – A MISTURA	26
2.2 - OS “BONS VIZINHOS”	27
2.3 - SENHORAS DA VIDA E DA MORTE	30
2.4 - A MÃO QUE MANEJA A FACA	33
2.5 – A MAGIA PROPRIAMENTE DITA	36
CONCLUSÃO	38
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	39
APÊNDICES	40

INTRODUÇÃO

Entre os séculos IV e VI, a ilha que viria a se tornar a Inglaterra recebeu as invasões dos povos anglos, saxões e também dos jutos. Guerreiros que vinham do sul da Dinamarca e norte da Alemanha fazer batalha aos então chamados bretões, os celtas que povoavam aquela terra desde a saída dos romanos. Mesmo sendo povos diferentes, aos olhos e ouvidos dos que eram atacados lhes parecia um só povo, os temíveis saxões. E de fato a semelhança era muita, sobretudo na estrutura das línguas. Um guerreiro anglo conversaria muito bem com um saxão, mesmo estando cada um falando sua própria língua. O tempo fez com que a soldadesca já não reparasse quando uma frase começava em anglo e terminava em saxão. E foi assim, em acampamento de guerra, pelas necessidades rotineiras de comunicação, que o inglês antigo foi tomando forma. Á ferro e fogo.

Estabelecidos já em terras conquistadas, os povos anglo-saxões se espalharam em reinos, nesses reinos surgiram dialetos. Desses, o saxão ocidental foi o eleito para ser usado em documentos oficiais e na lírica da época do Rei Ælfred. Dessa época tem-se limitados achados arqueológicos, provenientes, em sua maioria do sítio arqueológico de Sutton Hoo. Literariamente falando, restaram poucas centenas de manuscritos em língua anglo-saxônica, compêndios de medicina, canções e alguns poemas de autoria desconhecida, dentre eles o famoso *Beowulf*. Junto a todo o legado literário anglo-saxônico existe uma coletânea de quatrocentos manuscritos de conteúdo médico, uma compilação de herbários e receitas medicinais para todos os males conhecidos na época. Uma dessas compilações é o *Lachnunga*, que traz numerosas receitas de chás de ervas medicinais, os quais podem ser considerados poções, bem como feitiços de âmbito reconhecidamente mágico. É no *Lachnunga* que se encontra o *Wið færstice*.

O *Wið færstice* é um conjuro anglo-saxão que é descrito no *Lachnunga*, junto a centenas de outras receitas que misturam medicina e magia. Á essa época os escritores pastorais enfrentavam um dilema para encontrar suas definições. Onde terminava a medicina e começava a magia? Todo tipo de magia era reprovável? Catherine Rider(2014) em seu *Magia e Religião na Inglaterra Medieval*, nos diz que a presença de tais receitas mágicas em contexto médico se explica pelo fato de que os escritores de medicina da época sabiam de sua eficácia porém não conseguiam explicar como era possível. Consideravam então como remédios “empíricos”, conhecidos apenas pela experiência. Os acadêmicos da Igreja estavam

mais atentos á busca por magia, portanto , ainda segundo Rider(2014), não se tinha ânimo para discutir algo comprovadamente médico ou religioso.

Havia também a questão de que a magia poderia ser autorizada pela Igreja em algumas circunstancias especiais, por exemplo, a defesa. Defender-se de magia usando encantamentos que por acaso contivessem nomes de santos ou apóstolos era, muitas vezes, aceito pelos tribunais e até mesmo considerado comum. A crença em bruxas, seres sobrenaturais e pessoas maldosas levavam o povo a se fiar a qualquer artifício que as fizesse sentir mais seguras. Para evitar a disseminação da superstição apegada a símbolos pagãos, a Igreja achou preferível fornecer ela mesma os seus meios de magia defensiva. Velhos feitiços tiveram versos trocados, velhos nomes substituídos. O Sinal da Cruz servia agora como escudo. O crucifixo agora era levado ao peito, de forma bem semelhante aos amuletos de ferro dos pagãos. O povo continuava satisfeito, ainda confortável com os resquícios de velhos costumes. Mais tarde, com a Reforma, tais práticas foram pra ilegalidade, deixando o povo “indefeso”. O resultado foi notável, quintuplicaram as queixas dos tribunais acerca de ataques mágicos por parte de vizinhos (RIDER, 2014). Por esses motivos encontramos conjuros, hoje claramente mágicos, em matéria médica medieval.

Dentre os muitos remédios e procedimentos ensinados nesses manuscritos, o *Wið færstice* é um que é recomendado para curar uma dor repentina no corpo, algo muito semelhante ao reumatismo. A causa era atribuída á uma flecha atirada por um elfo [*ylfa gescot*], ou outro ser mal intencionado.

Trabalhamos com a tradução em português encontrada nos Apêndices do *Curso de Literatura Inglesa*, de Jorge Luis Borges. O original em anglo saxão e a tradução para o inglês moderno são fornecidos em nossos Apêndices.

Wið færstice

Contra uma pontada repentina: camomila e urtiga vermelha, que cresce através da casa, e tanchagem, ferver em manteiga.

Ressoantes eram elas, sim, ressoantes, quando cavalgavam na colina.

Decididas eram elas, quando cavalgavam na terra.

Protege-te agora, para que possas escapar desta aflição!

Fora, pequena lança, se dentro estais!

Estive sob as tílias, sob uma leve couraça

Onde as poderosas mulheres suas forças preparavam

E atiravam gritando suas lanças. Eu lhes devolverei outra: uma flecha voadora contra elas.

Fora Pequena Lança, se é que estais dentro!

Um ferreiro se sentou e forjou uma pequena faca,

Com o ferro feri-o gravemente:

Fora pequena lança, se estais dentro!

Seis ferreiros sentaram-se, forjaram lanças de morte:

Fora pequena lança! Não fiqueis dentro, lança!

Se dentro há algo de ferro, obra de bruxas velhas, derreter-se há!

Se foste ferido na pele, ou foste ferido na carne,

Ou foste ferido no sangue, ou foste ferido no osso,

Ou foste ferido na perna, que nunca tua vida se deteriore.

Se é um dardo dos deuses, ou um dardo dos elfos,

Ou um dardo das bruxas, eu te ajudarei:

Isto para curar-te de um dardo dos deuses, isto para curar-te de um dardo dos elfos, isto para curar-te de um dardo das bruxas: eu te ajudarei!

Foge para o cume da montanha!

Sara! Que Deus te ajude!

Pegar depois a faca, colocar no líquido.

Esse texto é considerado um conjuro, em inglês *Charm*. Um texto mágico que tem características poéticas e marcações de performance, cujo intuito é ser recitado durante um ato mágico (ritual) para que se obtenha um efeito previamente estipulado. Segundo a definição: “**Charm**,*n* [Fr. *charme*; L. *carmen*, a song, pœm, charm.] 1. A word, verse, action,gesture, object, etc. imagined to possess some occult or magical powers; an enchantment, incantation,spell, or talisman. **Charm**,*v.i* 1 .to sound harmonically (MCKECHNIE, 1978)”

O *Wið færstice* é um conjuro que visa sanar a dor de uma pessoa através das palavras recitadas durante um ritual específico que também inclui plantas e metal. Como diz Thomas de Chobham em sua *Summa Confessorum* :

Filósofos naturalistas dizem que o poder da natureza está concentrado, acima de tudo, em três coisas: nas palavras, nas ervas e nas pedras. Sabemos um pouco sobre o poder das ervas e pedras, mas sobre o poder da palavra, sabemos muito pouco ou nada. (CHOBHAM. 1968 p,478)

Nosso intuito nesse trabalho, é analisar os elementos presentes no conjuro, bem como a magia no presente contexto, para que se possa investigar como se articula o poder que tem a Palavra de transformar a realidade física, atuando em conjunto com outros elementos. O que nos restou do encantamento original foi somente o texto escrito, compilado nos manuscritos do Lachnunga. Somos levados a crer, pelo contexto das compilações como um todo, bem como do próprio conjuro, que a pessoa que tinha acesso á esse material detinha uma série de conhecimentos prévios e já estivesse familiarizada com os procedimentos. Sendo assim, não há, hoje em dia, como se ter certeza sobre como se realizava o conjuro. Porém, existem elementos já inseridos no próprio texto que permitem algumas reflexões sobre a natureza da operação. Com base nesses indícios de texto, faremos nossa análise sobre a performance. Esperamos poder contribuir para o entendimento do Verbo como algo mágico. Para tal, nos basearemos na teoria do performativo de Austin ao falar sobre a Palavra em si mesma e também Mircea Eliade em outro momento, para a configuração da Magia em alguns de seus vários aspectos.

1. VERBA CONCEPTA

1.1 - O SAGRADO E O PROFANO

O homem toma conhecimento do sagrado porque este se manifesta, se mostra como algo absolutamente diferente do profano. A fim de indicarmos o ato da manifestação do sagrado, propusemos o termo hierofania. [...] A partir da mais elementar hierofania – por exemplo, a manifestação do sagrado num objeto qualquer, uma pedra ou uma árvore – e até a hierofania suprema, que é, para um cristão, a encarnação de Deus em Jesus Cristo, não existe solução de continuidade. Encontramo-nos diante do mesmo ato misterioso: a manifestação de algo “de ordem diferente” – de uma realidade que não pertence ao nosso mundo – em objetos que fazem parte integrante do nosso mundo “natural”, “profano”.

O homem ocidental moderno experimenta um certo mal estar diante de inúmeras formas de manifestações do sagrado: é difícil para ele aceitar que, para certos seres humanos, o sagrado possa manifestar-se em pedras ou árvores, por exemplo. Mas, como não tardaremos a ver, não se trata de uma veneração da pedra como pedra, de um culto da árvore como árvore. A pedra sagrada, a árvore sagrada não são adoradas como pedra ou como árvore, mas justamente porque são hierofanias, porque “revelam” algo que já não é nem pedra, nem árvore, mas o sagrado, o *ganz andere*.

[...]. Manifestando o sagrado, um objeto qualquer torna-se outra coisa e, contudo, continua a ser ele mesmo [...]. Uma pedra sagrada nem por isso é menos uma pedra; aparentemente [...] nada a distingue de todas as demais pedras. Para aqueles a cujos olhos uma pedra se revela sagrada, sua realidade imediata transmuda-se numa realidade sobrenatural. Em outras palavras, para aqueles que têm uma experiência religiosa, toda a Natureza é suscetível de revelar-se como sacralidade cósmica. O Cosmos, na sua totalidade, pode tornar-se uma hierofania (ELIADE,2013p,17-18).

Tal manifestação, que é a experiência do Sagrado, também se define pela sua oposição à idéia de Profano, pois, na realidade, não há como definir um conceito sem falar sobre o seu outro. A palavra “profano” significa tudo o que está “para fora do templo”, ou seja, tudo o que se distingue da experiência religiosa e da manifestação do sagrado. Ainda utilizando o exemplo de Eliade, a diferença entre uma pedra profana e uma pedra sagrada está somente no

tipo de leitura que o ser humano extrai dela. Aos olhos do “homem religioso”, termo cunhado pelo autor, determinada pedra é sagrada não por si mesma, mas pelo sagrado que se manifesta através dela. Esse entendimento está contido no fundamento da civilização, podendo ser visto, por exemplo, na construção de templos e casas, onde demarca-se claramente o espaço sagrado e o espaço profano. Também no *Wið Færstice*, nosso objeto de estudo, esse conceito surge em um de seus versos — “Foge para o cume da montanha” (WID..., 2006, p. 414) —, no qual se ordena que o mal saia do corpo do paciente e retorne à zona selvagem de onde é proveniente. Há aqui a concepção dicotômica de Caos em contraposição ao Cosmos, o “mundo co-criado” e a “terra inculta”. Esse motivo também é encontrado em conjuros de outras partes do mundo, como, por exemplo, entre os benzimentos portugueses, nos quais se exorta o mal para as terras de além mar. Encontramos uma série de características do *Wið Færstice* também nas rezas ibéricas¹, porém não nos deteremos nessas relações, pois tal feito nos desviaria dos propósitos do presente trabalho. O ser humano, nesse contexto sócio-cultural, entende que a maioria, senão todos os males são provenientes da região profana.

O que caracteriza as sociedades tradicionais é a oposição que elas subentendem entre o seu território habitado e o espaço desconhecido e indeterminado que o cerca: o primeiro é o “mundo”, mais precisamente, “o nosso mundo”, o Cosmos; o restante já não é um Cosmos, mas uma espécie de “outro mundo”, um espaço estrangeiro, caótico, povoado de espectros, demônios, “estranhos” (equiparados, aliás, aos demônios e às almas dos mortos) (ELIADE, 1992, p. 23).

Quando o ser humano se organiza em sociedades, construindo sua habitação e arando a terra, está de alguma forma domando a natureza. Do espaço selvagem e caótico ao seu redor, o humano constrói seu mundo “civilizado”, onde habita e retira seu alimento. Essa sequência de atos cria em sua mente uma delimitação de espaço, na qual existe uma parte do mundo que ele ergueu, segura e civilizada portanto, e todo o resto que está mata adentro, além de sua fazenda, simbolizando todo o caos exterior, anterior ao começo do mundo. Tudo o que foi “criado” é, portanto, sagrado, e tudo o que é selvagem, caótico e “ainda não criado” é profano. Essa dualidade é também entendida nas idéias de dia e noite, e masculino e feminino. A realidade masculina, no contexto patriarcal, é facilmente compreendida, enquanto o universo feminino, sempre desconhecido, é facilmente associado aos Caos, ao inculto, ao

¹ Trazemos algumas dessas rezas em nossos Apêndices.

profano. Nas mitologias do mundo, essa associação de símbolos é vista nas representações das águas primordiais, que simbolizam a matéria a ser modelada nos princípios dos tempos; pela suméria Tiamat, a mãe dos Monstros; pelo próprio Oceano grego e pelo Leviatã bíblico. E esse é um dos motivos, quiçá o principal, responsável pelo temor à mulher, que culminará na Caça às Bruxas durante a Idade Média. Não é por acaso que, no *Wið Færstice*, o mal é associado à figuras femininas: “Onde as poderosas mulheres suas forças preparavam / E atiravam gritando suas lanças” (WID..., 2006, p. 414).

Ora, se elfos, bruxas e deuses antigos pertencem a um mundo que não esse que fora crivado pelo arado, ou seja, o mundo “outro”, o “outro mundo”, há de se exorcizar sua influência, forçando-a a retornar ao seu universo de origem. Atribuindo-se a dor, física ou espiritual, a uma pequena lança, a solução parece simples sob a ótica mágica: magia combate magia, semelhante age sobre o semelhante, lâmina combate lâmina. Em outras palavras, “e atiravam gritando suas lanças. Eu lhes devolverei outra: / uma flecha voadora contra elas” (WID..., 2006, p. 414). A guerra parece ser a única linguagem compreendida pelas “poderosas mulheres”, e é em termos bélicos que se dará a cura. A lâmina será usada contra o mal. Em outras palavras, todo princípio de ordenação, de organização, de sistematização — seja do cosmos, seja da vida cotidiana — constitui o que se entende aqui por sagrado.

1.2 - MITO, ENCANTAMENTO, PALAVRA

Dentro dessa compreensão, surge a ideia de mito: uma junção de arquétipos que conta uma história que é traduzida em símbolos, símbolos que são mimetizados para a realidade através do código da linguagem humana.

A definição que a mim, pessoalmente, me parece a menos imperfeita, por ser a mais ampla, é a seguinte: o mito conta uma história sagrada; ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do “princípio”. Em outros termos, o mito narra como, graças às façanhas dos Entes Sobrenaturais, uma realidade passou a existir, seja uma realidade total, o Cosmo, ou apenas um fragmento: uma ilha, uma espécie vegetal, um comportamento humano, uma instituição. É sempre, portanto, a narrativa de uma “criação”: ele relata de que modo algo foi produzido e começou a ser. O mito fala apenas do que realmente ocorreu, do que se manifestou plenamente. Os personagens dos mitos são os Entes Sobrenaturais. Eles são conhecidos sobretudo pelo que fizeram no tempo prestigioso dos

“primórdios”. Os mitos revelam, portanto, sua atividade criadora e desvendam a sacralidade (ou simplesmente a “sobrenaturalidade”) de suas obras. Em suma, os mitos descrevem as diversas, e algumas vezes dramáticas, irrupções do sagrado (ou do “sobrenatural”) no Mundo. É essa irrupção do sagrado que realmente fundamenta o Mundo e o converte no que é hoje (ELIADE, 1991, p. 11).

E é através da recitação desse mito que se dará o mágico. Dizer o mito, transformá-lo em narrativa — o que equivale, em outros termos, a torná-lo significativo ou resgatar sua significação, a dar-lhe um caráter de *encantamento* —, dentro do contexto ritualístico, é fazê-lo acontecer no presente. O *contexto* apropriado faz com que uma história tenha poder de transformar a realidade. Por isso, não é suficiente utilizar o instrumento correto, dentro do contexto ritualístico e sagrado. É preciso, antes, tornar esse instrumento algo especial, capaz de fazer frente a um dardo élfico, por exemplo. “A eficácia terapêutica do encantamento reside no fato de que, quando pronunciado ritualmente, ele reatualiza o tempo mítico da ‘origem’, tanto da origem do mundo como da origem da dor e seu tratamento” (ELIADE, 1991, p. 32). Saber a história da origem de alguma coisa significa deter poder sobre essa coisa. Contar sua história no contexto ritualístico é o que Eliade chama de “reatualizar” o mito, torná-lo presente, integrado ao contexto em que é narrado, devolvê-lo ao seu universo original, o sagrado, ao mesmo tempo em que se resgata a sacralidade em dado tempo e espaço.

Durante a vivência do sagrado — seja em uma missa, em um terreiro, num ritual xamânico, numa dança dervixe, culto evangélico, aula de yoga ou prática de bruxaria —, o ser humano está imerso no contexto que Eliade chama de tempo mítico: o tempo do sagrado. Não se está mais na rua ou no trabalho, pois ao começar o ritual religioso se imerge em um espaço e tempo outros. É nesse momento que sobem ao palco os mitos em sua plena funcionalidade, no qual são reatualizados e acontecem com a participação dos presentes. Os rituais têm a função não só de fazer o sagrado presente como, principalmente, levar o humano até a origem mítica do mundo, tornando-o, segundo o autor romeno, contemporâneo dos deuses. O poder da cura, nesse contexto, mora no saber da origem da doença e do remédio por meio da reatualização do mito, do tornar-se contemporâneo dos deuses: “Conhecer os mitos é aprender o segredo da origem das coisas. Em outros termos, aprende-se não somente como as coisas vieram à existência, mas também onde encontrá-las e como fazer com que reapareçam quando desaparecem” (ELIADE, 1991, p. 18).

Durante o ato religioso no qual esse saber é ativado, o humano conquista o poder tal qual era *in illo tempore*. Eliade (2002) cita muitos exemplos² de como essa teoria se aplica como base no caso dos xamãs dominadores do fogo, que, sabendo o nome secreto e a origem desse elemento, podem dançar inofensivamente dentro de uma fogueira por muito tempo, algo que vai muito além do simples caminhar sobre brasas. Partindo dessa mesma compreensão é que se pode, por metonímia, inferir que é de posse da sabedoria de como a doença surgiu que se obterá o poder para curá-la.

Evidentemente, estamos tratando aqui da ciência do homem dentro desse contexto dito primitivo, que, se não dispunha do método científico rigoroso dos tempos modernos, gozava de uma maior proximidade com o meio natural e também uma visão de mundo de ordem mais conectiva, associando informações e padrões na mente com os símbolos que se acessa. Não podemos esperar que se fale em bactérias que causam infecções nos tecidos devido a exposição à matéria em decomposição. Podemos, contudo, supor que um feiticeiro provavelmente diria que o sujeito fora envenenado por maus espíritos e logo receitaria uma erva que afasta influências maléficas. De qualquer forma, o paciente provavelmente seria curado, e hoje se constataria que a erva usada tem propriedades antibióticas. Contudo, nosso trabalho parte do princípio de que o pensamento mágico não pode ser compreendido devidamente se for analisado de maneira tão simplista e linear. Estradas de asfalto foram criadas pela humanidade, mas na natureza as coisas são mais tortuosas.

O mito, como foi visto, é um texto com características poéticas que visa transformar a realidade por meio de palavra. Sua recitação no contexto apropriado proporciona a manifestação do sagrado, e com o sagrado vem o poder de mudar a realidade. Com essas mesmas palavras com que definimos “mito” podemos também definir “encantamento”, pois é precisamente isso que um encantamento faz: transforma a realidade através de palavras, aos moldes, por exemplo, da Eucaristia cristã, na qual a palavra por si só opera a transmutação do vinho e do pão no sangue e corpo de Cristo. A palavra significa em seus entrelaçados de sons, pequenas faíscas de poder a cada sílaba. Quando se unem as sílabas certas e as palavras num todo harmonioso e conciso, a magia se manifesta em seu esplendor, produzindo maravilhas. “Mas o poder não vem de Deus?”, perguntará o religioso, ao que o próprio Deus responderá, com suas *próprias palavras*: “No princípio era o Verbo”.

A yet stronger power than that of herb or stone lies in the spoken word, and all nations use it both for blessing and cursing. But these, to be effective,

² Vide referências bibliográficas para **O xamanismo e as técnicas arcaicas do êxtase**, de Eliade.

must be choice, well knit, rhythmic words (verba concepta), must have *lilt* and *tune*; hence all that is strong in the speech wielded by priest, physician, magician, is allied to the forms of poetry (GRIMM, 1999, p. 1223, grifo do autor).

Essa estrutura e cadência são características do texto poético, o que não por acaso se relaciona com o encantamento e a magia. A palavra “encantamento”, em sua origem, traz consigo o canto, a palavra cantada, a musicalidade, como se observa nas considerações de Grimm acima. Assim, a poesia e a magia são formas diferentes não só de falar da mesma coisa, mas também de fazer a mesma coisa. Quando as palavras certas são ditas, dizer se torna fazer. É por esse motivo, principalmente, que a magia é chamada de “A Arte” (MOORE, 2003, pois a arte, como a palavra, pressupõe técnica, teoria e prática. Desse modo, por certo se engana aquele que crê que basta tomar um livro de feitiços e iniciar uma longa leitura em voz alta para que aconteça alguma coisa diferente na realidade.

[G]eralmente o proferimento de certas palavras é uma das ocorrências, senão a principal ocorrência, na realização de um ato (seja apostar ou qualquer outro), cuja realização é também o alvo do proferimento, mas este está longe de ser, ainda que excepcionalmente o seja, a única coisa necessária para a realização do ato. Genericamente falando, é sempre necessário que as circunstâncias em que as palavras forem proferidas sejam, de algum modo, apropriadas; frequentemente é necessário que o próprio falante, ou outras pessoas, também realize determinadas ações de certo tipo, quer sejam ações “físicas” ou “mentais”, ou mesmo o proferimento de algumas palavras adicionais. Assim, para eu batizar um navio, é necessário que eu seja a pessoa escolhida para fazê-lo; no casamento (cristão) é essencial para me casar que eu não seja casado com alguma pessoa que ainda vive, que é são e de quem não me divorciei, e assim por diante; para que uma aposta se concretize, é geralmente necessário que a oferta tenha sido aceita pelo interlocutor (que deve fazer algo, como dizer “Feito”) e uma doação não se realiza caso diga “Dou-lhe isto”, mas não faça a entrega do objeto (AUSTIN, 1990, p. 26).

Por isso, pode-se dizer que Grimm concede a mesma capacidade tanto ao padre quanto ao médico, ao mago e ao poeta. O poder da palavra está por trás e anteriormente à toda forma

de religião, ciência, magia e poesia, ao mesmo tempo em que esse poder se constitui precisamente nessas mesmas coisas. Essa é a *verba concepta* que Grimm coloca entre parênteses em suas considerações acima citadas, a qual todas as culturas usam para abençoar e amaldiçoar: a palavra escolhida, sagrada, portanto real. Fulminante.

A materialidade da palavra em forma de poesia no *Wið Færstice* possui todas essas características. Muito mais do que simplesmente dita, a palavra deve ser uma *performance*. Quando Deus, na mitologia judaico-cristã, diz “*Fiat Lux*”, a Luz passa a existir no mesmo instante do proferimento. O Surgimento da Luz é a mesma coisa que o proferimento, a performance da criação é o mesmo que dizer as palavras, que criar o sagrado.

Existe alguma confusão a respeito do que a magia é realmente. Penso que isto pode ser elucidado se você apenas olhar as mais velhas descrições de magia. Magia na sua forma mais antiga é referida como “A Arte”. Creio que isto seja completamente literal. Creio que a magia é arte, e que essa arte — seja a escrita, a música, a escultura ou qualquer outra forma — é literalmente magia. A arte é, como a magia, a ciência de manipular símbolos, palavras ou imagens para operar mudanças de consciência. A verdadeira linguagem da magia trata tanto da escrita como de arte e também sobre efeitos sobrenaturais. Um grimório, por exemplo, um livro de feitiços, é um modo extravagante de falar de gramática. Conjurando um encantamento é somente encantar, manipular palavras para mudar a consciência das pessoas. [...]. Um mago pode te amaldiçoar, coisa que poderia fazer com que tuas mãos movessem-se graciosamente ou poderia ter um filho com um pé de pau. Um bardo não te amaldiçoaria, faria uma sátira, coisa que poderia te destruir. Se fosse uma sátira brilhante, não te destruiria apenas aos olhos dos teus sócios, te destruiria ante aos olhos de tua própria família e te destruiria ante teus próprios olhos. E se fosse uma sátira finamente elaborada e muito astuta, o bastante para sobreviver e ser recordada durante décadas, inclusive por séculos, então anos depois de tua morte, as pessoas a leriam e ririam de ti, de tua ruína e do teu absurdo. Os escritores e as pessoas que podiam controlar as palavras eram respeitados e temidos como gente que manipulava a magia (MOORE, 2003).

É com essas palavras que Alan Moore descreve a magia durante uma entrevista para seu documentário **Mindscape of Alan Moore**. Não se trata de um teórico de magia ou de

arte, mas de um praticante. Autoproclamado mago há décadas, Moore é um dos mais famosos autores de ficção, tendo tornado-se cânone vivo do universo dos quadrinhos³. A magia é a arte de manipular símbolos, palavras ou imagens para mudar a consciência das pessoas, o que significa que todo ato mágico tem por intuito alterar a consciência dos envolvidos. Sendo que todo conhecimento de mundo que temos é o que interpretamos em nosso cérebro como resultado de experiências sensoriais, mudar a consciência significa transformar a realidade. Não é por mera mística que essa transformação se dá através da manipulação de palavras. Toda nossa interação com o mundo exterior se dá, e sempre se deu, através de palavras; nossa mente, tanto consciente quanto inconsciente, também funciona tendo como base as palavras. Essas informações, ensinadas pela ciência, permitem que pensemos a magia como uma forma de linguagem que fala à psique, por isso os encantamentos, quando bem realizados, afetam o ouvinte de alguma forma perceptível. Em algum nível, o que escuta sentirá algo diferente, pois a boa leitura de um encantamento é muito diferente da recitação de uma bula de remédio. Um conjuro, assim como a poesia, fala ao íntimo do ser.

³ Destaca-se pela criação de **Watchmen**, **V de Vingança**, **Monstro do Pântano**, **Liga Extraordinária**, **Hellblazer** e o memorável **Batman: A Piada Mortal**.

2. VERBA CORPOREA

2.1 - O JARDIM DAS BRUXAS

No *Wið Færstice*, a primeira linha do conjuro especifica como deve ser preparada a poção que deverá ser o pano de fundo do ritual que acontecerá: “Contra uma pontada repentina: camomila [*feferfuige*] e urtiga vermelha [*reade netele*], que cresce através da casa, e tanchagem [*wegbrade*], ferver em manteiga” (WID..., 2006, p. 414).

Era sabido pela medicina popular anglo-saxã, assim como nas tradições da bruxaria, que nas ervas estão contidas inúmeras virtudes. Há ervas que curam e ervas que matam; ervas que fazem um casal gerar um filho e ervas que podem tirá-lo facilmente. Algumas devolverão a um velho senhor a potência de sua juventude, e outras farão as mulheres enlouquecerem como se tocadas pelo demônio. Pelas ervas é possível tornar as coisas mais belas do que são e também criar visões mais terríveis que a realidade. Por que tanto poder e sabedoria? Talvez porque as plantas já estavam aqui antes mesmo dos animais caminharem, e por serem as mesmas desde os primórdios. Disso até os cristãos sabem. Plantas sozinhas causam efeitos que qualquer camponesa reproduziria facilmente, porém a mistura de algumas, feita de uma maneira específica e pela pessoa certa, obtêm resultados potencialmente mais eficazes. Esse conhecimento não é exatamente acessível a todos, e seus procedimentos são passados discretamente de pessoa para pessoa ao longo dos séculos.

Como se referir à essa pessoa detentora de tal conhecimento tão especial? “Bruxa” é o termo que mais folcloricamente nos vêm à mente. Uma senhora que conhece segredos e faz coisas que os outros não fazem. Curiosamente, a palavra “bruxa” tem como possível origem o termo *brugga*, que no Nórdico Antigo significa “fazer poções”, o mesmo termo que deu origem ao verbo *brew* em inglês, o qual se refere aos preparados de fermentação da cerveja, hidromel e demais beberagens. Sabemos que as bruxas aparecem em alguns momentos do *Wið Færstice* sempre como possível fonte do mal, uma relação semântica (bruxa = mal) criada pelo Cristianismo, que as demonizou. Porém, se tecnicamente o operador do conjuro é alguém que está a realizar um ato de magia, por que temeria as ditas bruxas? Como já instilamos em outro momento do presente trabalho, magia se combate com magia. No entanto, ainda assim, o Cristianismo católico tratou de marcar alguns tipos de pessoas como proscritas (até hoje).

Retornando ao nosso assunto, antes que ferva a manteiga no caldeirão, podemos ver que tal noção de propriedades medicinais das plantas era mais do que uma questão de critério

para o “médico” anglo-saxão (cf. RIDER, 2014). Assim, são citadas três ervas no *Wið Færstice: Feferfuige, Reade Netele e Wegbrade*. Na tradução para o português com a qual trabalhamos, *feverfuige* foi traduzida como camomila, um engano perdoável que será explicado adiante; Urtiga Vermelha e Tansagem são as outras, e devem, segundo o que é indicado no poema, ser fervidas em manteiga.

Oferecemos o resultado dos estudos que realizamos sobre as propriedades dessas três ervas e suas implicações de significação para nosso objeto de estudo, o *Wið Færstice*. Articulamos esses estudos à análise do conjuro a partir não só do material anglo-saxão (POLLINGTON, 2008) de que dispomos, como também dos textos de Dioscórides (disponíveis em QUER, 1993), médico greco-romano contemporâneo a Nero cujo tratado sobre drogas medicinais foi o mais utilizado no mundo ocidental até o século XVIII. Foram consultadas também obras brasileiras (BALBACH, 1956) e também a sabedoria popular oral.

2.1.1 - *FEFERFUIGE*

Todos os estudiosos acima mencionados concordam que se trata do Tanaceto, também chamado de Matricária. *Feferfuige* é uma referência direta ao seu uso. Em inglês moderno, continua sendo chamada de *Feverfew*, “febrífuga”, a que faz fugir a febre. *Tanacetum Parthenium* é uma erva não muito diferente fisicamente da camomila, semelhante a uma mini-margarida. Uma flor muito bonita que dura muito tempo nos campos.

A Matricária é uma planta que está quase completamente associada ao feminino. Uma planta de mulher, por assim dizer. Tal qual a Lua, ela é utilizada para regular a menstruação atrasada, motivo pelo qual é proibida às gestantes que desejam que os filhos nasçam. Apesar disso, pode ser usada na hora do nascimento para facilitar os trabalhos do parto, pois estimulará a movimentação do organismo. A maioria das ervas que são emenagogas (faculdade de trazer a menstruação) possuem essa virtude. Matricária vem de *matrix*, referência à matriz da vida. Usada internamente também irá ajudar a expelir vermes; externamente, era usada ainda contra dores reumáticas. Este último uso é particularmente interessante para o presente estudo, pois até hoje é utilizada com essa finalidade, além de fazer parte de rituais para celebração da Páscoa no Reino Unido, como erva purificadora depois do jejum da quaresma e como símbolo das ervas amargas da Páscoa dos Hebreus. Não está, portanto, fora de contexto ao ser utilizada em um conjuro, pois trata-se de uma planta intimamente ligada ao sagrado, ao ritualístico. Por ser uma representação da matriz da vida, a matricária é uma erva que restitui o equilíbrio para o que está fora de harmonia, por isso ela

diminui a febre, traz a menstruação atrasada, expulsa vermes e faz passar os sintomas de dores musculares e enxaquecas. Ela vem trazer novamente a Ordem onde há o Caos, princípio da religião, do mito e da cura.

2.1.2 - *READE NETELE*

A urtiga vermelha ainda é um assunto controverso para os estudiosos. Não se chegou a um consenso sobre qual espécie se trata. A candidata mais indicada é a *Lamium Purpureum*, a qual não é exatamente uma urtiga verdadeira. Em inglês ainda mantém semelhança com seu nome anglo-saxão, *red nettle*, e ainda, mais comumente, *red-dead-nettle*. O *Lachnunga* (vide POLLINGTON, 2008) a prescreve para as mais diversas dores, sendo seu uso quase sempre externo. Algumas vezes macerada, outras vezes fervida em óleo ou banha de porco, e também seca misturada com sal. Aplicava-se em feridas abertas, limpas ou gangrenosas, causadas por acidentes, brigas ou cachorros raivosos. A julgar pelas indicações do texto, pelas suas variadas aplicações, julgamos que se tratava de uma erva muito conhecida e utilizada, que provavelmente sempre estava por perto, uma vez que no próprio conjuro se diz que ela cresce “através da casa” (WID..., 2006, p. 414). O que nos chamou a atenção foi que ela era recomendada para tratar as “dores causadas pelo frio”, o que soa muito como reumatismo, que nesse contexto não se restringiria aos idosos. Seria então esta uma erva de utilização caseira para cura de males imediatos: fecha feridas, seca tumores, sana o que de mais externo se manifesta. A urtiga vermelha é conhecida de velho do ser humano, pois cresce junto à sua casa, agindo como os cachorros, partindo do mundo selvagem para viver próximo à civilização. Obviamente ela não deixou de crescer na floresta, porém o ser humano gerou essa proximidade e a trouxe para junto de sua vida, num movimento de trazer para o “seu mundo” um pedaço do “outro mundo”, de modo que não é por acaso que ela tem parte na receita do *Wið Færstice*, física e simbolicamente. É ao mesmo tempo um pedaço de profano dentro do sagrado, e uma parte de sagrado dentro do profano, aos olhos de um anglo-saxão. Simbolicamente, uma erva que cresce junto à cerca, de ambos os lados.

2.1.3 - *WEGBRADE*

Temos aqui um tesouro fitoterápico. *Plantago major*, a planta que os ingleses de hoje chamam *Waybread* e que no Brasil corresponde à Tansagem. Todas as moléstias que podem ofender a pele são curadas por essa planta, também conhecida aqui como Tanchagem e

Transagem. Não só simples dores, feridas e inchaços, mas também úlceras, lepra e câncer. O *Lachnunga* também a recomenda para quaisquer males do trato digestivo: úlceras, gastrite, indigestão, enjoo etc. Ainda que não se encontre referência na literatura herbária anglo-saxã (POLLINGTON, 2008), Balbach (1956) afirma que a Tansagem é excelente também para tudo o que se refere a males respiratórios como gripes, bronquites, asma, tuberculose etc. Nesse caso, seu uso é interno através de infusão, uso contínuo.

Por se relacionar com as vias respiratórias, a Tansagem está diretamente ligada ao *pneuma*, o “sopro da vida”, a respiração, a parte mais etérica do todo de que o ser humano é formado. A constipação, em qualquer nível que seja no corpo, significa uma constipação em nível abstrato, seja ele espiritual, emocional, mental ou energético. Uma planta que vem proporcionar a desobstrução dos canais mais espirituais do ser humano, permitindo que o “sopro divino” retome seu fluxo inerente à vida, é certamente uma planta sagrada, um maná para a trajetória da existência, um “pão do caminho”, um *Waybread*⁴, daí sua utilização no *Wið Færstice*, um conjuro concebido a partir de uma ideia holística de cura.

2.1.4 - MANTEIGA (*BUTERAN*)

Analisada a parte herbária da poção, nota-se ainda que é em manteiga que se deve realizar a fervura. Mas por que manteiga e não água ou azeite?

O nome céltico da Manteiga (irlandês: **imb**; bretão: **amann**) relaciona-se com as designações indo-europeias do unguento e da unção (untura, untadura), o que permite supor uma palavra que tenha perdido seu forte valor religioso primitivo. É possível que a manteiga tenha sido, nas operações mágicas, o substituto do mel ou da cera, pois conserva-se um vestígio de seu emprego como tal na Bretanha. *Antigamente, praticava-se na Bretanha uma forma de fixação sutil... por meio da manteiga, que possui propriedades mágicas comparáveis à da cera: quando alguém morria de câncer, deixava-se ao pé do leito uma porção de manteiga, que se enterrava ao regressar do sepultamento, por considerar-se que havia fixado a doença* (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1994, p. 588, grifo dos autores).

⁴ A palavra “*waybread*” significa, literalmente, “pão do caminho”.

Também a manteiga provém do contexto do sagrado e mágico: além de possuir faculdades de fixação de fluidos, age trazendo os males para fora do corpo, portanto, além de ser usada em oblações e com intuitos de cura, não deixa de agir de modo semelhante a um exorcismo. Sua presença no *Wið Færstice* é, assim, muito apropriada: fervendo-a com as plantas dentro, não só as propriedades medicinais e mágicas das ervas passariam para a pessoa, como também a manteiga faria atrair o mal para fora, sendo esse o intuito do procedimento.

2.1.5 – A MISTURA

Agora que ficou pronta nossa mistura, vemos diante de nós um remédio para dores reais. Embora não esteja indicado no conjuro, acreditamos que o operante estivesse familiarizado com o procedimento e que a mistura devesse ser passada por sobre o local dolorido. Um unguento fervido em manteiga que teria um efeito analgésico excelente se aplicado externamente, principalmente se fosse o caso de reumatismo. Acreditamos que esse remédio teria sim o seu efeito sobre a dor do sofrente, porém, uma de nossas intenções neste trabalho é demonstrar que as ervas não teriam o mesmo efeito de cura sem as palavras de encanto, visto que elas são apenas uma parte do todo que comporá o alívio das dores do anglo-saxão.

Há uma aproximação que nos parece evidente entre o entendimento anglo-saxão da cura e as filosofias orientais, mais especificamente, a medicina tradicional chinesa. Nesse sistema de compreensão da vida, o ser humano é entendido não como uma máquina cheia de peças, mas como um todo formado por partes dependentes umas das outras. Esse todo inclui também o espírito, a mente e as emoções. Nada acontece em um ponto sem que se reverbere em outro. Não há como cuidar do corpo sem cuidar do espírito. Assim, os curadores orientais se preocupam muito mais em sanar a origem da doença do que em remover o sintoma, e eis que nas origens dos problemas se encontram todas as camadas mais abstratas do ser, as quais impactam em seu corpo físico. A doença é somente a manifestação física de uma desordem em nível espiritual. Seus remédios, portanto, são remédios para a alma. É isso que se chama de tratamento holístico: quando se deixa de tratar a doença para tratar o ser, quando se concentra na raiz do problema, e não nos sintomas.

A seleção dos componentes da poção do *Wið Færstice* demonstra que o operante tinha consciência das capacidades curativas das plantas muito além da parcela fisiológica. O resultado, então, é um remédio que tratará primeiramente a dor, pois é necessário sanar a

agonia daquele que sofre, e, uma vez se tendo cuidado da dor, a poção agirá em duas frentes: a urtiga vermelha irá, tal qual um arauto, abrir caminho por entre a moléstia, arrastando consigo todos os “demônios”, e a tansagem cuidará, por sua vez, do cerne do ser, semeando bênçãos tal qual um anjo por sobre o campo de batalha, modificando, no espírito, a fonte que falha em jorrar o fluxo vital. Para arrematar os detalhes dessa reorganização da estrutura do ser, a manteiga, agindo como os corvos, limpará o campo sangrento, puxando para si o “mal”. O anglo-saxão compreendia, com sua sabedoria, que a cura possui vários aspectos e frentes. Ela começa de dentro para fora. E, pela própria estrutura formal do *Wið Færstice*, entendemos que sequer a ordem pela qual são apresentadas as ervas é aleatória, pois parece haver aí um raciocínio bem articulado quanto à atuação dos componentes no corpo e no espírito.

2.2 - OS “BONS VIZINHOS”

Os poucos manuscritos remanescentes, bem como a historiografia dos costumes que se instalaram no folclore inglês e os traços linguísticos históricos nos dizem que o homem anglo-saxão tinha como certa a existência dos elfos nas periferias de sua morada. A literatura descreve criaturas antigas, habitantes da natureza selvagem, de índole imprevisível e de alguma forma versados em magia. Dificilmente avistados pelo homem comum, e sempre evitados por todo o povo temente a Deus, esses seres eram pertencentes ao mundo antigo, do qual pouco se sabia. Eram vizinhos temidos e respeitados, mas, mesmo precavendo-se, eventualmente algo de perverso acontecia a algum incauto:

elves were thought to be invisible or hard-to-see creatures who shot their victims with some kind of arrow or spear, thus inflicting a wound or inducing a disease with no other apparent cause (elfshot). They appear to be lesser spirits than the Æsir deities, but with similar armaments in spears and arrows. [...]. This attack by elves was eventually linked with Christian ideas of demons penetrating or possessing animals and people, who then needed exorcism (HALL,2007 p.7 citando JOLLY, 1998)

Essa ideia é a base do conjuro aqui estudado. A dor repentina é a dor causada, dentro da concepção anglo-saxã, por um dardo atirado por um elfo ou outro ser sobrenatural. Singer afirma que a mentalidade da época atribuía a maioria dos males a ataques sobrenaturais, como podemos ler no seguinte trecho:

a large amount of disease was attributed [...] to the action of supernatural beings, elves, Æsir, smiths or witches whose shafts fired at the sufferer produced his torments. Anglo-Saxon and even Middle English literature is replete with the notion of disease caused by the arrows of mischievous supernatural beings. This theory of disease we shall, for brevity, speak of as the doctrine of the elf-shot. The Anglo-Saxon tribes placed these malicious elves everywhere, but especially in the wild uncultivated wastes where they loved to shoot at the passer-by (SINGER, 1919-1920, p. 357).

A origem cultural desses seres mágicos remonta à mitologia nórdica, cujo berço é a Islândia. Nela, segundo as **Eddas**⁵ e sagas restantes, os elfos surgiram juntamente com os anões durante a criação do mundo, ambas as raças compondo, inicialmente, um conglomerado imenso de vermes que se formara na carcaça do gigante primordial Ymir, que fora morto pelos deuses e as partes de seu corpo utilizadas para compor o cosmos. Desses vermes que surgiram na carcaça, os mais brutos e turbulentos se tornaram a raça dos anões, artesãos rústicos que modelavam a matéria. Desde então, foram morar em Svartalfheim, dentro da terra. Dentre os vermes, os mais esbeltos e esguios, os que pareciam deter um modo mais nobre de ser, foram chamados de elfos e passaram a habitar, segundo as ordens de Odin, os palácios de Alfheim, nos ares. Nessa mitologia, ao contrário do que se imagina, os elfos não eram criaturas pequenas e travessas como muitas das existentes no folclore bretão. Eram sobretudo altas e nobres, ao estilo de como são representadas na obra de J. R. R. Tolkien, autor diretamente influenciado pela mitologia nórdico-germânica.

Já na Grã-Bretanha, a princípio, a paisagem folclórica era povoada de seres não tão majestosamente elegantes como os elfos nórdicos, mas sim por criaturas mais pitorescas e mais cientes da presença humana. Eram elas os *brownies*, *pixies*, *fairies*, *greenies*, *boggards*, *goblins*, *hobgoblins*, entre outros. Eram de aspecto físico variado, índole duvidosa e temperamento totalmente incompreensível. Eram habitantes das regiões selvagens, das matas densas e dos pântanos. Se acercavam das moradias dos humanos à noite, e era sabido que tinham poderes mágicos capazes de causar vários danos, como arruinar a colheita, azedar o leite, desaparecer com objetos, causar doenças, proporcionar a loucura e até roubar bebês de seus leitos e substituí-los por crianças disformes.

⁵ As **Eddas** são duas coletâneas de textos mitológicos da cultura escandinava pertencentes ao contexto islandês do século XIII. Elas contêm a base de todo o conhecimento atual sobre a mitologia nórdica. Uma é em verso (**Edda em verso**), compilada por autor anônimo, e outra em prosa (**Edda em prosa**), de autoria de Snorri Sturluson. Vide DAVIDSON (2004) e FAUR (2007).

Sabendo dos poderes desses “vizinhos”, o homem anglo-saxão lançava mão de alguns artifícios para promover uma política de “boa vizinhança”, já que ele nada podia contra os poderes da floresta que estava ao lado de sua fazenda. Assim, era tradição fazer oferendas ao “povo pequeno” para que não causassem mal. Eram oferecidas, geralmente, partes das comidas quando houvesse festa, fração simbólica da colheita, leite e mel. Jamais pão e aveia, pois continham a energia da civilização. Também havia procedimentos que podiam interditar a ação desses seres mágicos. Havia o costume de se inscrever certas runas nos umbrais do domicílio e nas camas de dormir, mas o mais usual e mais conhecido repelente contra esses seres era o ferro, mais comumente uma faca. Ainda hoje essa crença é encontrada nas regiões rurais, tanto da Inglaterra quanto da Islândia.

Linguisticamente, *aelf* e *ylfa* apareciam na formação de diversas palavras. “*Aelfscienu*” — “*elf-hair*”, “cabelos de elfo” — era um elogio praticamente decisivo quando um rapaz cortejava uma moça. Já a palavra *ylfig* significava uma pessoa em estado delirante, enlouquecida, ideia que também estava associado aos poderes élficos e que não tão tarde seria associada à possessão demoníaca. Não por acaso, o *Wid Færstice* tem características de exorcismo. A despeito disso e de modo ambíguo, os elfo anglo-saxões também eram associados à beleza e sabedoria. Estavam presentes em muitos nomes próprios, inclusive no nome do mais famoso rei anglo-saxão, *Ælfred* (“*wise elf*”, “elfo sábio”), o Grande, que ficou historicamente conhecido por sua valorização e propagação do conhecimento.

Não se fala de elfos sem falar de fadas. Simbolicamente, a ideia é a mesma, pois a palavra “fada” advém da palavra latina para Destino, “*Fatum*”, o fado. A Fada é, portanto, aquela que age com o Destino, que vem trazer o seu fado, que vem conceder uma recompensa ou castigo. Ela conduz a vida dos humanos até seu destino, ideia representada por sua varinha de condão, a vara de conduzir. Em registros antigos, as Parcas gregas eram chamadas de As Três Fadas, as Senhoras do Destino. Em alguns lugares se acreditava que as fadas conduziam as almas de crianças natimortas, o que lhes conferia a ocupação de psicopompas.

A figura da fada como uma criatura diminuta e encantadora teve sua origem junto ao elfo. Não se tinha muita idéia, tanto antigamente quanto hoje, de como diferenciar essas criaturas. A literatura antiga nos recorda das belas mulheres que vinham com a noite, traziam mensagens ou raptavam amantes, dançavam sob o luar em vestes brilhantes e desapareciam como a neblina. Podiam trazer o deleite, a cura, o sexo, o rapto e também a morte. Eram referidas algumas vezes como *Bonae Res*, ou *Bonae Dea*, boas deusas. São figuras realmente antigas que detinham, além de beleza e glamour (o encanto inerente ao ser), o poder. A partir dessas concepções, surgiram outras figuras variantes. Nos contos de fadas elas se

imortalizaram como as Fadas Madrinhas e também como a Bruxa Malvada. O pensamento cristão não admitia as duas qualidades na mesma figura, ponto que foi marcante nas diferenças entre culturas, pois no pensamento pagão ancestral, ao qual se coaduna a cultura anglo-saxônica, bem e mal co-existem nos mesmos lugares, e não são opostos. Essa concepção se aproxima, novamente, da filosofia oriental, que compreende o universo como uma complementação de forças. Todavia, não é só a elfa e a bruxa que essas antigas deusas deram origem:

Para melhor compreender o simbolismo das fadas, seria preciso remontar-se a um passado ainda mais antigo que as Parcas e Moiras e chegar às Queres, divindades infernais da mitologia grega, espécies de *Valquírias*, que se apoderam dos moribundos no campo de batalha, embora também pareçam determinar, segundo a *Iliada*, a boa e a má sorte e o destino do herói (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1994, p. 416, grifo nosso).

Podemos ver que, possivelmente, esses elementos femininos presentes no *Við Færstice* tenham se originado de uma mesma fonte. No entanto, o que chama a atenção na reflexão de Chevalier e Gheerbrant acima citada é a comparação que os pensadores traçam entre as Queres e os seres da mitologia nórdica que nos parecem fundamentais na compreensão do nosso objeto de análise: as Valquírias. Não é sábio deixá-las esperando.

2.3 - SENHORAS DA VIDA E DA MORTE

De acordo com Davidson (2004, p. 52 – 53), essas figuras femininas que permeiam todo o *Við Færstice* podem, por comparação, ser entendidas como as Valquírias, as poderosas mulheres da mitologia nórdica que detinham o poder sobre o destino dos homens, percorrendo velozmente os campos de batalha e dando vitória segundo as ordens de Odin. Entregariam à morte segundo o fado de cada um e arrebanhariam os honrados para os salões de Valhala⁶. O guerreiro nórdico deveria seguir um certo protocolo para assegurar esse destino após a morte. Deveria, em batalha, morrer segurando a sua espada, lança ou machado. Sendo assim, sua alma seria eleita por Odin, que o tocaria com sua lança Gungnir, dando sinal para que as valquírias o encaminhassem ao merecido destino. Não era raro que o guerreiro ajudasse o

⁶ Valhala é um dos palácios de Odin em Asgard, o reino dos Deuses. Para lá vão os melhores guerreiros caídos no campo de batalha para passarem a eternidade guerreando e treinando para o Ragnarök durante o dia e se embebedando durante inacabáveis ceias durante a noite em companhia de Odin, Friga e das Valquírias.

opponente derrotado, ajoelhando-se para assegurar que este falecesse com a espada em sua mão, o que lhe conferiria uma morte honrada. Em Valhala não havia inimigos, pois todos treinavam juntos esperando o dia do Ragnarök⁷, o fim do mundo, no qual lutariam ao lado dos deuses.

O número de Valquírias variava de 3 a 7, chegando a 9, alguns citam 13 e mesmo 27. Tinham a faculdade de transformarem-se em cisnes e moravam no castelo de Vingolf, destinado às deusas, próximo ao Valhala. Eis seus nomes: Brynhild, Geirskögl, Gunn, Hildir, Hrist, Miat, Siglind, Sigdrifa, Sigrun, Skoegul, Skuld (confundida com uma das Nornas), Thrud etc. (MUSSOLIN, 1960[?], p. 119).

Assim são as Valquírias descritas na mitologia nórdica. Mas sua figura é um pouco mais problemática do que mulheres furiosas e sobrenaturais que davam cabo às batalhas. Em alguns momentos são descritas como serviçais dos homens em Valhala, servindo-lhes comida, bebida e a si mesmas; em outras situações são chamadas de Valquírias as esposas de heróis, mesmo de aparência humana. Segundo GRIMM (1999), o nome “Valquíria” significa “aquela que escolhe os mortos”, sendo que o prefixo *Wal-* era sempre associado à carnificina de guerra, estando também presente na palavra Valhala (“*wal-halla*”, literalmente, “salão da carnificina”).

Pelo fato de definirem o desenlace de batalhas e trazerem a morte aos condenados, as Valquírias também estão firmemente associadas à figura das Nornas, as parcas do Norte, que habitavam Yggdrasil e eram o próprio Destino. Nenhum deus ou deusa jamais poderia escapar ao destino, o que as tornava insubmissíveis.

Historicamente, havia certas sacerdotisas que coordenavam os sacrifícios dos prisioneiros de batalha e das escravas que morriam pelo seu senhor. Sabe-se que ao menos uma delas era chamada de Anjo da Morte. Segundo o costume, a esposa devia ir à fogueira junto de seu marido quando este morria. Se ela se recusasse a tal, ou se já tivesse morrido na ocasião, uma escrava ou amante se apresentava para a atividade. Se nenhuma se propusesse ao sacrifício, a sacerdotisa escolhia alguma espectadora que estivesse presente na ocasião. Era a sacerdotisa que a sacrificaria, perfurando o peito com uma faca ou lança enquanto alguém a sufocava com uma corda. Também era a sacerdotisa que elegia, dentre os prisioneiros de

⁷ Ragnarök é o fim do mundo na mitologia nórdica, a última grande batalha na qual os guerreiros que aguardavam em Valhala lutarão ao lado dos deuses. Acabará com a morte de praticamente todo o panteão e com a destruição do mundo, que a partir disso renascerá.

guerra, aqueles que seriam sangrados aos deuses. Obviamente, essas mulheres inspiravam temor no cidadão comum, e não seria estranho que se tenha criado lendas sobre elas. Davidson as aponta como fatores que possam ter contribuído para a construção imagética da figura das Valquírias, e também que sua presença em um encantamento como o *Wið Færstice* sugere que esse conjuro era originalmente uma magia de campo de batalha que, com o passar das gerações, veio a ser utilizado para fins mais prosaicos. Essa teoria é reforçada por Cameron (1993), em seu **Anglo-saxon Medicine**, um tratado sobre a medicina popular anglo-saxã, no qual o autor afirma que a descrição do campo de batalha e seus elementos, bem como a afirmação de que o operante possui uma arma melhor, serviria para dar coragem e conforto ao paciente. Ora, que tipo de pessoa se sente encorajada perante essas cenas: o guerreiro ou o fazendeiro? Certamente seria o tipo bélico.

Outro elemento importante, ligado tanto ao conjuro quanto às Valquírias, é a lança. Raramente essas mulheres eram representadas com espadas, portanto sempre a lança e o escudo. Utilizavam da lança para definir o destino dos homens e pela lança venciam as guerras. Tratando-se de mitologia nórdica, tal assunto não pode deixar de ser associado à Gungnir, a lança de Odin, Pai de Todos e Deus da Guerra. Gungnir é parte de Yggdrasil⁸, um galho que foi usado para perfurar o corpo do deus no tronco, onde ele alcançou o conhecimento que o elevou ao status de deus supremo e arquimago. Estando as Valquírias, portanto, intimamente ligadas à Nornas por diversos ângulos, sendo senhoras do Destino e agindo ainda como psicopompos ao encaminhar a alma do guerreiro ao seu merecimento, parece-nos improvável que estivessem inteiramente subordinadas a Odin. Desse modo, estando as Valquírias diretamente relacionadas à ideia de escolha, assim como o deus escolheu buscar o poder, elas, criaturas de guerra, podem ter optado em servi-lo. Servidão discutível, pois nenhum deus escapa ao Destino, principalmente Odin, cujo fim já está

⁸ Yggdrasil é uma árvore mítica central na cultura e mitologia escandinavas, o eixo do universo. Nesta estão contidos os nove mundos que compõem a cosmogonia nórdica. Os vários mundos estão distribuídos em seus galhos, tronco e raízes, cada um habitado por uma raça. No tronco está Midgard, o mundo dos humanos. Acima desse mundo está Alfheim, morada dos elfos claros, e abaixo de nós está Svartalfheim, onde habitam os anões e elfos escuros. Nas raízes mais profundas está o frio Hel, morada dos mortos, espécie de Hades, que abriga os que não foram dignos de Valhala, mas não é um lugar de danação. Nos mais altos galhos está Asgard, cidade dos ases, os deuses superiores, e lar de Odin. Também havia Niflheim, reino da névoa e do gelo, Muspelheim, reino do fogo e dos gigantes de fogo, Jotunheim, reino dos gigantes, e Vanaheim, lar dos deuses ancestrais da fertilidade. As Nornas, senhoras do destino, moram entre as raízes de Yggdrasil, praticamente dentro da árvore. Vide DAVIDSON (2004) e FAUR (2007).

anunciado desde sua assunção ao trono de Asgard: será morto e devorado por Fenrir⁹ durante o Ragnarök.

A lança das Valquírias nos remete diretamente ao elemento que parece ser um outro elemento importante no *Wið Færstice*: a lâmina. Veremos como ela passa de metáfora a instrumento mágico.

2.4 - A MÃO QUE MANEJA A FACA

Já foi dito acima que o metal, mais comumente a faca de metal, era item de repulsa para os seres feéricos. “Nas regiões as mais adversas, a faca tem o poder de afastar as influências maléficas, o que parece associado a um dos aspectos do simbolismo do ferro” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1994, p. 414). Para compreender um pouco desse símbolo, levamos em conta o pensamento de Eliade sobre espaço ordenado e o espaço caótico. Tomando como ponto de partida a idéia de que, no imaginário antigo, mais especificamente no contexto anglo-saxão, os seres mágicos eram tidos como provenientes das zonas selvagens, podemos pensar que a faca funcionaria como representação do manejo da natureza feito pelo ser humano, uma vez que este extraiu o metal da terra e o modelou para servir a seus propósitos. A faca diz aos habitantes do mundo selvagem que a humanidade modelou a matéria bruta e agora a domina.

Mas o simbolismo do ferro é ambivalente, tal como o das artes metalúrgicas: o ferro protege contra as más influências, e é também instrumento dessas mesmas influências; é o agente do princípio que modifica a substância inerte [...], embora seja igualmente o instrumento satânico da guerra e da morte. A modificação da matéria pelo instrumento cortante não tem, por sua vez, apenas um aspecto positivo (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1994, p. 425).

O ferro é tanto o agente da cura como a causa da dor no contexto do *WiðFærstice* — “Se dentro há algo de ferro, derreter-se há!” (WIÐ..., 2006, p. 414). O mesmo metal que é forjado com magia é lançado contra ela. Dentro das tradições mágicas, a faca é, quase via de regra, um instrumento básico de trabalho. Como símbolo fálico, ela é tida como representação do princípio criador e, por consequência, da ordem, pois criar é trazer a ordem para o caos.

⁹ Fenrir é um lobo gigante, filho de Loki, deus trapaceiro na mitologia nórdica. É uma fera incontrolável que só foi contida quando aprisionada com correias mágicas feitas por anões. Ele conseguirá se libertar no dia do Ragnarök.

Esse entendimento se faz um só com a definição de sagrado de Eliade dada no primeiro capítulo do presente estudo. A faca é usada em atos que requerem qualquer tipo de corte ou traçado, seja cortar ervas, riscar símbolos ou desenhar o círculo mágico. Existem alguns tipos específicos de lâminas requeridas por diferentes vertentes místicas, com cabos próprios e em formatos especiais, feitas em condições apropriadas, mas em geral o símbolo não sofre muita variação. A partir da década de 1950, com a popularização da Wicca¹⁰, tornou-se comum chamar de *Athame* ao punhal de dois cortes utilizado em magia.

A lâmina atua como arma de proteção e também de ataque, funcionando como um direcionador do pensamento, principal arma para se controlar espíritos; também era utilizada em sacrifícios humanos e animais: “A faca ritual, enigmaticamente denominada *athame*, derivada de *ad hdhame*: sangrador. *Athame* é uma tentativa muito correta de obter o som representado por *adh-dhame*”. (SHAH, 1987, p. 236). Nesse caso, a função do objeto está contida no som de seu nome. A palavra vem carregada com o significado de sangue. O objeto torna-se o ato através da palavra. O derramamento ritual de sangue, dentro do pensamento “primitivo”, está associado à idéia de bênção. Na verdade, é a bênção em si própria, pois a palavra inglesa *bless* tem sua origem no nórdico antigo *blot*, que também originou *blood* (“sangue”). Respingar a cabeça ou todo o corpo com o sangue do sacrifício, seja animal ou humano, representa untar-se com o sagrado, banhar-se na realidade absoluta.

No entanto, fariamos bem em dar atenção à figura por trás da faca, a mão que forja a espada, a mão que maneja a faca. O ferreiro, o personagem que é, inclusive, citado no conjuro — “Um ferreiro se sentou e forjou uma pequena faca” (WID..., 2006, p. 414). É muito significativa sua presença num texto anglo-saxônico, pois sua importância social ia muito além de fabricar armas, coisa que, por si só, já era de extrema valia numa sociedade bélica que havia dominado o metal há pouco tempo.

Tal qual o ferro e as espadas que fabrica, o ferreiro também tem dois gumes: “O ‘poder sobre o fogo’ e, principalmente, a magia dos metais valeram aos ferreiros, em todos os lugares, a reputação de temíveis feiticeiros, donde a atitude ambivalente de que são alvo: são desprezados e venerados ao mesmo tempo” (ELIADE, 2002, p. 512). No mesmo texto, o autor diz que os ferreiros geralmente viviam à margem, característica que os aproxima da figura do bruxo, do xamã e mesmo dos elfos da cultura anglo-saxã:

¹⁰ Wicca é uma corrente religiosa fundada por Gerard Gardner na Inglaterra cujo marco inicial é a publicação do livro **A bruxaria hoje**, de autoria do mesmo Gardner, em 1954, quatro anos após a revogação da Lei de Feitiçaria promulgada em 1735 no Reino Unido. Tem como base o ideal de reconstrucionismo celta.

Em termos de importância, o ofício do ferreiro vem logo depois da vocação de xamã, “Ferreiros e xamãs são do mesmo ninho” diz um provérbio iacuto. “A mulher de um xamã é respeitável, a mulher de um ferreiro é venerável” diz outro. Os ferreiros tem o poder de curar e até mesmo de predizer o futuro. Segundo os dolgans, os xamãs não podem “engolir” as almas dos ferreiros, porque esses últimos as conservam no fogo; ao contrário, o ferreiro é capaz de apoderar-se da alma do xamã e de queimá-la no fogo (ELIADE, 2002, p. 510).

Sendo assim, o homem que forja uma espada é o mesmo que fabrica o arado, a guerra e a paz na mesma figura. O mesmo ferreiro que é temido por poder trazer a morte é o mesmo que cura as pessoas quando o xamã falha. “Em outras civilizações, ao contrário, o ferreiro desempenha importante papel: detentor de segredos celestes, ele obtém a chuva e cura enfermidades” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1994, p. 424). O ofício de ferreiro envolve aspectos importantes como o ritmo da martelada, que tanto evoca o poder mítico do trovão dos deuses (o que remete ao Thor nórdico, deus do trovão e do raio e portador do Mjölfnir, o martelo sagrado) como também a métrica, o ritmo e o tom da poesia, e, por conseguinte, o verbo, a palavra que significa e altera a realidade: “Além disso, o simbolismo da forja liga-se muitas vezes à palavra ou ao canto, o que nos traz ao papel iniciático desse ofício, mas também à atividade criadora do Verbo” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1994, p. 424).

No *WiðFærstice*, a figura do ferreiro aparece duas vezes — “Um ferreiro se sentou e forjou uma pequena faca” e “Seis ferreiros sentaram-se, forjaram lanças de morte” (WIÐ..., 2006, p. 414) —, num total de sete (número místico) ferreiros citados. Na primeira citação, o conjuro apresenta um ferreiro forjando uma faca que, embora pequena, causará um grave ferimento, e na segunda surgem seis ferreiros forjando “*slaughter-spear*” (POLLINGTON, 2008, p. 229), lanças de morte, para chacina. A cena evocada é a de um ferreiro, da parte do operante, contra seis ferreiros responsáveis pelo mal. As lanças atiradas pelas mulheres poderosas, elfos ou bruxas ou mesmo as Valquírias na interpretação aqui proposta, são as que foram forjadas pelos seis ferreiros, e essas lanças serão derrotadas pela pequena faca que o conjurador tem em mãos, que por sua vez foi forjada pelo ferreiro “maior”. Ferro contra ferro, ferreiro contra ferreiro, magia contra magia.

Ao proclamar esses versos transcritos acima, o operante está a revelar a origem, tanto de sua arma como o das armas do oponente. Como já foi exposto anteriormente, sabendo-se a origem da doença, se detêm o poder sobre ela, o que dá poder ao operante de destruir o mal.

Mais uma vez, é o sagrado atuando através do mito. As lanças das mulheres poderosas agora estão sob os grilhões do encantador, e sua faca agora passa de um objeto ordinário a um instrumento mágico de poder. Esse processo se deu pela mesma via pela qual o ferreiro forja a faca, pelo ritmo, pela poesia, e também pela performance que são o trabalho poético e o trabalho da forja. Assim como um manipula e dá forma ao metal, o outro faz o mesmo com palavras e, ambos, fazem, a partir da matéria prima disforme, os mais admiráveis trabalhos. Transformam a realidade, manipulam símbolos, ou seja, fazem magia: dão sentido à palavra.

2.5 – A MAGIA PROPRIAMENTE DITA

Se pudéssemos resumir o sentido do que expressam as palavras do *Wið Færstice*, teríamos algo como: você foi atingido por um dardo maligno, eu tenho a cura para isso e estou realizando-a agora. O cerne é esse. Porém, por que então o conjuro é tão mais extenso e detalhado? Porque esse cerne de significação deve estar corretamente embrulhado nas palavras corretas, nos significantes e significados corretos. Uma frase como essa escrita acima estaria solta, não teria ritmo, tom, cadência, nenhum dos aspectos inerentes ao fazer poético. Em contrapartida, no *Wið Færstice* vemos não só todos esses pré-requisitos como também temos uma série de imagens evocadas com palavras, imagens que compõem, por meio do poético, uma narrativa na mente do ferido que está sendo curado e do simples leitor do conjuro: mulheres poderosas cavalcando colinas atirando lanças furiosamente, ferreiros sentados forjando dardos, o feiticeiro jurando revide. Imagens com a função dupla de darem vida ao feitiço após terem sido vivificadas por ele.

O paciente no chão, com um feiticeiro próximo a si, escuta palavras que o encorajam, acalmam e anestesiavam muito mais do que o composto de ervas que fora esfregado em seu corpo. As cenas de guerra darão força ao que sofre, lembrando-o de sua força. E com uma faca, vê fazer gestos em sua direção. Não é dito, no conjuro, o que exatamente se deve fazer com a faca, exceto a ordem de colocá-la no líquido ao fim da cerimônia. Porém, pela cadência e repetição de versos, fica sugerido que, durante a recitação, o operante deve estar brandindo a faca, mostrando-a ao paciente: —“*Isto* para curar-te de um dardo dos deuses, *isto* para curar-te de um dardo dos elfos, *isto* para curar-te de um dardo das bruxas: eu te ajudarei!” (WID..., 2006, p. 415, grifo nosso). Sugere-nos que, após se ter recitado que o mal a que o paciente fora acometido seria devido a uma lança de elfos, bruxas ou deuses, o operante esteja brandido a própria faca, mostrando ao sofrido que esta tem poder de retirar aquela que lhe está fazendo sofrer.

Sabemos já que, nesse momento, a faca já não é uma simples faca. Num contexto sagrado em que é recitado o mito apropriado a ocasião, o próprio poder da realidade é acessado, tornando a faca mais real do que era então. Por ocasião da experiência do sagrado, abre-se uma brecha na vida cotidiana para algo de maior grandeza, e as palavras ditas na ocasião afetam todo o resto de experiência profana. Quando a pessoa com autoridade para tal, feiticeiro ou ferreiro, pronuncia um texto sagrado que contenha a afirmativa performática “*Isto para curar-te de um dardo dos deuses*” (WID..., 2006, p. 414, grifo nosso), ela está consagrando o instante no qual o remédio é ministrado, o instante no qual ele o diz mostrando a faca dizendo: *Isto* aqui, *esta* faca, é seu remédio contra a dor que você está sentindo.

A poesia na qual estão embrulhadas as significações do conjuro é a magia que realizará o intento, pois a significação contida nas palavras é a manifestação da vontade do operante que, por meio dos mecanismos de sentido, influenciará a vontade do ferido. É assim que a palavra transforma a realidade. A intenção de transformação, por parte de quem a realiza, é manifestada no mundo através de palavras, que são somatórias de sons e gestos de poder, que foram responsáveis, por sua vez, pela criação da estrutura dessa realidade.

Um poder enorme está nas ervas, nas pedras e demais instrumentos como a faca, porém um poder ainda maior reside na palavra, pois na palavra está toda a magia propriamente dita, se ela for dita apropriadamente.

CONCLUSÃO

Pelo que pudemos analisar do poema-conjuro que é o *Wið Færstice*, a palavra é a responsável pela parte mais importante do funcionamento do encantamento, mesmo que este seja acompanhado de ervas e gestos. De fato, o homem anglo-saxônico, representante do homem medieval, sabia da importância das palavras, caso contrário não teria incluído tal conjuro junto ao seu material médico-científico. Se assim ocorreu, podemos entender algumas coisas a respeito da nossa própria mundividência: se bruxas e elfos de fato existem não podemos afirmar, porém que palavras de fato curam, isso sim podemos... *dizer*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUSTIN, J. L. **Quando dizer é fazer**: palavras em ação. São Paulo: Artes Médicas, 1990.
- BALBACH, Alfons. **As plantas curam**. São Paulo: Edel, 1956.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**. 8. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.
- DAVIDSON, Hilda R. Ellis. **Deuses e mitos do norte da Europa**. São Paulo: Madras, 2004.
- ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. São Paulo: Perspectiva, 1991.
- _____. **O sagrado e o profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- _____. **O xamanismo e as técnicas arcaicas do êxtase**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- FAUR, Mirella. **Mistérios nórdicos**: deuses, runas, magias, rituais: Rio de Janeiro: Pensamento, 2007.
- GRIMM, Jacob. **Teutonic Mythology**. Trans. James Steven Stallybrass. London: Routledge, 1999, v. 3.
- MOORE, Alan. **The Mindscape of Alan Moore**. DeZ Vylenz. Shadowsnake Films. 2003 San Francisco World Film Festival.
- MUSSOLIN, Owen Ranieri [Esopinho]. **Dicionário da mitologia nórdica**. São Paulo: Enigmística Moderna, 1960[?].
- POLLINGTON, Stephen. **Leechcraft**: Early English Charms, Plantlore and Healing. Suffolk: Anglo-Saxon Books, 2008.
- QUER, Pio Font. **Plantas medicinales**: el Dioscórides renovado. Barcelona: Labor, 1993.
- RIDER, Catherine. **Magia e religião na Inglaterra medieval**. São Paulo: Madras, 2014.
- SHAH, Idries. **Os sufis**. São Paulo: Círculo do Livro, 1987.
- SINGER, Charles. Early English Magic and Medicine. **Proceedings of the British Academy**, n. 9, p. 341–74, 1919-1920.
- WID FÆRSTICE [Conjuro contra uma pontada repentina]. In: BORGES, Jorge Luis. **Curso de Literatura Inglesa**. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 414 – 415.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- BEOWULF. Trad. Erick Ramalho. Ed. bilíngue anglo-saxão-português. Belo Horizonte: Tessitura, 2007.

BORGES, Jorge Luis. **Curso de Literatura Inglesa**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

GREENBLATT, Stephen; ABRAMS, M. H. at all. **The Norton Anthology of English Literature**. 8. ed. New York; London: W. W. Norton, 2006, v. 1.

HALL, Alaric. **Elves in Anglo Saxon England**: Matters of Belief, Health, Gender and Identity. London: The Boydell Press, 2007.

OLSAN, Lea. The Inscription of Charms in Anglo-Saxon Manuscripts. **Oral Tradition**, n. 14, v. 2, p. 401 – 419, 1999.

PAZ, Octavio. **O arco e a lira**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

TIMMER, B. J. Heathen and Christian Elements in Old English Poetry. **Neophilologus**, n. 1, v. 29, p. 180 – 185, Dec. 1944.

APÊNDICES

Wið færstice

Wið færstice feferfuige and seo reade netele, ðe þurh ærn inwyxð, and wegbrade; wyll in buteran.

Hlude wæran hy, la, hlude, ða hy ofer þone hlæw ridan,
wæran anmode, ða hy ofer land ridan.

Scyld ðu ðe nu, þu ðysne nið genesan mote.

Ut, lytel spere, gif her inne sie!

Stod under linde, under leohtum scylde,
þær ða mihtigan wif hyra mægen beræddon
and hy gyllende garas sændan;

ic him oðerne eft wille sændan,

fleogende fla{ne} forane togeanes.

Ut, lyte{l} spere, gif hit her inne sy!

Sæt smið, sloh seax,

lytel iserna, wund swiðe.

Ut, lytel spere, gif her inne sy!

Syx smiðas sætan, wælspera worhtan.

Ut, spere, næs in, spere!

Gif her inne sy ise{r}nes dæl,

hægtessan geweorc, hit sceal gemyltan.

Gif ðu wære on fell scoten oððe wære on flæsc scoten
oððe wære on blod scoten, <oððe wære on ban scoten.>

oððe wære on lið scoten, næfre ne sy ðin lif atæsed;

gif hit wære esa gescot oððe hit wære ylfa gescot

oððe hit wære hægtessan gescot, nu ic wille ðin helpan.

Þis ðe to bote esa gescotes, ðis ðe to bote ylfa gescotes,

ðis ðe to bote hægtessan gescotes; ic ðin wille helpan.

Fle{oh} þær <....> on fyrghen{ea}fde.

Hal westu, helpe ðin drihten!

Nim þonne þæt seax, ado on wætan.

Wið færstice
Against a sudden stitch

Against a sudden stitch: feverfew and the red nettle which grows in through a building,
and waybread; boil in butter.

“Loud were they, lo, loud, as they rode over the barrow,
they were determined, as they rode over the land.

Shield yourself now, , so you may escape this attack.

Out, little spear, if it be in here!

(I) stood under linden, under a light shield,
where mighty women declared their might
and, yelling, they sent spears;

Back to then I wish to send another,
a flying dart in opposition.

Out, little spear, if it be in here!

A smith sat, hammered a knife,
small weapon, a serious wound.

Out, little spear, if it be in here!

Six smiths sat, wrought slaughter-spears.

Out, spear, be not in, spear!

If there bein here a piece of iron,

The work of witches, it must melt away.

If you were shot in the skin or were shot in the flesh

or were shot in the blood, or were shot in the bone,

or you were shot in the limb, may your life never be threatened,;

if it were gods' shot or it were elves' shot

or it were witches' shot, I will now help you.

This as the cure to you for gods' shot, This as the cure to you for elves' shot,

This as the cure to you for witches' shot; I wish to help you.

There it fled to the mountain [wood,no rest] did have.

Whole be you (now)! may the Lord help you!”

Then take the knife, put it into the liquid.

Wið færstice

Contra uma pontada repentina

[In: BORGES, Jorge Luis. **Curso de Literatura Inglesa**. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 414 – 415.]

Contra uma pontada repentina: camomila e urtiga vermelha, que cresce através da casa, e tanchagem, ferver em manteiga.

Ressoantes eram elas, sim, ressoantes, quando cavalgavam na colina.

Decididas eram elas, quando cavalgavam na terra.

Protege-te agora, para que possas escapar desta aflição!

Fora, pequena lança, se dentro estais!

Estive sob as tílias, sob uma leve couraça

Onde as poderosas mulheres suas forças preparavam

E atiravam gritando suas lanças. Eu lhes devolverei outra: uma flecha voadora contra elas.

Fora Pequena Lança, se é que estais dentro!

Um ferreiro se sentou e forjou uma pequena faca,

Com o ferro feri-o gravemente:

Fora pequena lança, se estais dentro!

Seis ferreiros sentaram-se, forjaram lanças de morte:

Fora pequena lança! Não fiquéis dentro, lança!

Se dentro há algo de ferro, obra de bruxas velhas, derreter-se há!

Se foste ferido na pele, ou foste ferido na carne,

Ou foste ferido no sangue, ou foste ferido no osso,

Ou foste ferido na perna, que nunca tua vida se deteriore.

Se é um dardo dos deuses, ou um dardo dos elfos,

Ou um dardo das bruxas, eu te ajudarei:

Isto para curar-te de um dardo dos deuses, isto para curar-te de um dardo dos elfos,

Isto para curar-te de um dardo das bruxas: eu te ajudarei!

Foge para o cume da montanha!

Sara! Que Deus te ajude!

Pegar depois a faca, colocar no líquido.

REZAS E BENZIMENTOS PORTUGUESES

Extraídos da **Apostila de Rezas e Benzeduras de Proteção** de Vilma Mattos Grande

(Sessimbe)

In: < <http://docslide.com.br/documents/apostila-de-rezas-e-beneduras.html> >. Acesso em 02 dez. 2015.

1- INFLAMAÇÃO NA PELE

Unta-se com óleo, fazendo cruzeiros e pronuncie durante alguns dias, a seguinte benzedura:

"Eu te atalho/ Bicho ou bichão/ Aranhão ou aranhão/ Sapo ou sapão/
Bicho de qualquer feição./ Eu te atalho/ Eu te minguo/ Eu te corto a cabeça/ E te furo o coração/ Aqui te atalho/ Além de mirro." Repita esta última frase, três vezes.

2 – CONTRA O QUEBRANTO

"Tens quebranto. Dois to deram. Três to hão-de tirar; São as três pessoas da Santíssima Trindade. Em louvor Virgem Maria, um Pai-nosso e uma AveMaria." Faz-se a reza cinco vezes, enquanto se fazem cruzeiros sobre a cabeça da pessoa. Num prato com água deitam-se três pingos de azeite. Se a pessoa tem quebranto, o azeite espalha-se todo, se não tem, as três gotas ficam como olhos vivos e a pessoa deixou de ter o mal. O quebranto é uma fraqueza ou esmorecimento que a pessoa sente e que é sempre atribuída ao mau-olhado.

3- QUANDO BEBEMOS ÁGUA DE UMA FONTE OU NOUTRO LOCAL

O fato de saciarmos a sede, pode fazer-nos mal. Diga antes de beber a água:

"Aqui passou S. João/ Com uma cruzinha na mão/ Se esta água tiver baba/ Não me chega ao coração". Os borborinhos ou coscuvilhices, podem ser afastados com: "Foge, foge veneno da cruz/ Que lá vem o Menino Jesus/ Com três facas amarelas/ Se te apanha espeta-tas nas costelas".

4 – CONTRA O MAU OLHADO

Assim se faz a oração:

"Deus encante quem te encantou, dentro deste corpo este mal entrou, assim

como o sol nasce na terra e se põe no mar que todos estes males para lá vão passar”.

5 – OUTRA CONTRA MAU OLHADO

“Onde entra o santo nome de Jesus

Não entra mal nenhum.

Eu te benzo criatura do olhado.

Se for na cabeça, a Senhora da Cabeça,

Se for na cara, a Senhora Santa Clara.

Se for nos braços, o Senhor São Marcos.

Se for nas costas, a senhora das Verónicas.

E se for no corpo

O Senhor Jesus Cristo, que tem o poder todo.

Minha Santa Ana, minha Virgem Maria, meu Senhor Jesus.

Assim como isto é verdade, assim este olhado seja daqui tirado e para as ondas do mar seja lançado. Para onde não ouça galos nem galinhas cantar.

Em louvor de Deus e da Virgem Maria Maria, Pai-nosso, Ave-Maria.”

Esta oração faz-se com o rosário na mão.

Reza-se uma Salve-Rainha. Diz-se nove vezes e durante nove dias